

## **A SAÚDE NO TRABALHO DE PROFESSORES SUBSTITUTOS DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL BRASILEIRA: ENTRE VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO**

Alessandra Cristine Filgueiras Rates  
UFMA  
alessandrarates@gmail.com

Denise Bessa Léda  
UFMA  
denisebl@uol.com.br

### **RESUMO**

Este texto tem por objetivo discutir o conceito de saúde a partir da dinâmica prazer e sofrimento no trabalho de professores substitutos de uma instituição de educação superior pública, levando em conta as peculiaridades do vínculo temporário desses trabalhadores. A amostra de participantes da pesquisa foi composta de nove docentes substitutos da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, de áreas do saber variadas, em exercício, no ano de 2014. A amostra contou ainda com 2 chefes de departamento, que opinaram sobre a temática, com a visão de gestores. Os resultados apontam para um contexto de precarização, em função da flexibilidade do vínculo laboral, aliado à convivência desses trabalhadores com alta carga horária de trabalho. Observa-se estratégias defensivas para lidar com o sofrimento e resgatar os processos de saúde, tais como: as defesas de proteção, adaptação e exploração. Houve o predomínio das defesas individuais, pois os professores substitutos não ficam tempo suficiente na instituição para o contato com os colegas de profissão e, conseqüentemente, elaboração das defesas coletivas. Notou-se ainda pelos relatos, episódios de estafa e estresse. A intensificação a que estão submetidos também possui repercussões nas esferas social e familiar, acentuando seu sofrimento, comprometendo várias dimensões da vida dos professores. Os entrevistados relataram vivências de prazer relacionadas ao reconhecimento a partir dos julgamentos de utilidade e originalidade, quando os alunos reconhecem a importância do seu trabalho, percebendo-a de forma original frente às demais. Entretanto, o julgamento de beleza, dado pelos pares, dentro do mesmo grupo profissional em linha horizontal, ainda é pouco visualizado, haja vista os conflitos e a falta de reconhecimento por parte dos professores efetivos, algumas vezes velados, outras, explícitos. Conclui-se que o fazer do professor substituto é permeado por vivências de prazer e sofrimento, sendo que o prazer relaciona-se com o reconhecimento dos alunos e o sofrimento parece ser agravado pela precarização de seu vínculo instável. Analisando a realidade enfrentada pelos professores substitutos da IFES pesquisada, retoma-se o resgate da esfera pública de modo central e estratégico para a universidade, com a defesa do trabalhador docente, cujas bases devem se respaldar na dignidade, no respeito e no reconhecimento. As análises desta pesquisa não esgotaram a complexidade deste tema. Embora tenha havido imenso esforço e motivação para abarcar a riqueza deste campo empírico, tem-se ciência de que lacunas

ainda persistem, abrindo, assim, espaço para futuros questionamentos e interlocuções, originando novas pesquisas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde; Trabalho; Professor Substituto.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto, fruto de dissertação de mestrado, tem por objetivo discutir o conceito de saúde a partir da dinâmica prazer e sofrimento no trabalho de professores substitutos de uma instituição de educação superior pública, a partir das peculiaridades do vínculo temporário desses trabalhadores.

Cabe esclarecer que a nomenclatura “professor substituto” adentrou de forma mais expressiva, nas universidades federais brasileiras, a partir da década de 90, do século XX. Anteriormente, havia outros termos para denominar os docentes não pertencentes à carreira do magistério superior, como aulistas e horistas (Pinto, 2010).

A contratação desses professores é regulamentada pela lei nº 8.745/93, que disciplina a contratação por tempo determinado para atender necessidade temporária de excepcional interesse público, que não poderá ultrapassar percentual máximo de 20% do total de docentes efetivos em exercício na instituição. Observando-se esta legislação, tem-se os seguintes critérios de contratação dos professores substitutos: para suprir falta de professor de carreira nos casos de exoneração ou demissão, aposentadoria, falecimento, licença ou afastamentos obrigatórios.

A lei 12.772/2012, que norteia atualmente a carreira do magistério superior federal também contempla o professor substituto, definindo que sua contratação deverá ser autorizada pelo dirigente da instituição, condicionada à existência de recursos orçamentários e financeiros. Esta lei ainda trata da carga horária referente ao professor substituto, podendo apresentar o regime de trabalho de 20 ou 40 horas semanais.

Nota-se, principalmente nos últimos anos, que a realização das contratações de professores substitutos se deve a existência de uma cultura de que os substitutos necessitam de menores investimentos, portanto custam menos à instituição (Koehler, 2006).

A amostra de participantes da pesquisa de campo foi composta de nove docentes substitutos da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, de áreas do saber variadas, em exercício, no ano de 2014.

A amostra contou ainda com 2 chefes de departamento, que opinaram sobre a temática, com a visão de gestores e, portanto, responsáveis pela definição de atividades que irão compor a carga horária de trabalho dos professores substitutos. Todos os participantes responderam à entrevista semiestruturada, que foram transcritas na íntegra, e no caso dos professores substitutos, houve também a aplicação de um questionário socioeconômico.

O estudo realizou a articulação entre os fundamentos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico-Dialético, da Sociologia do Trabalho e da Psicodinâmica do Trabalho. Tendo ainda como subsídio, a Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough como referencial de análise dos dados.

## 2 O CONCEITO DE SAÚDE

Entende-se a saúde como um processo permeado pela historicidade, visto que, não há como compreender o conceito de saúde, descolando-o de elementos da história sociopolítica que envolve os indivíduos.

Assim, a saúde, longe de ser uma categoria isolada, possui relações com a organização do trabalho, admitindo desdobramentos sociopolíticos. Ou seja, o trabalho possui dimensões complexas e multifacetadas, podendo tanto ser condição de humanização e dignidade, contribuindo para a saúde do indivíduo, quanto condição alienante, fonte de adoecimento.

Nesse sentido, corrobora-se o entendimento de que o trabalho é categoria central para a saúde do indivíduo, concebendo-o enquanto categoria ontológica na vida do mesmo, estruturante para a sua subjetividade (Dejours & Abdoucheli, 1994). A concepção de saúde aqui apresentada tem como principal referencial a perspectiva teórica da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours, desenvolvida a partir da década de 90 do século passado.

Para este referencial teórico, a saúde seria um movimento constante de luta, uma árdua negociação que o indivíduo faz ao enfrentar as adversidades. Neste entendimento, saúde não significa ausência de sofrimento ou de adoecimento, mas a possibilidade de administrar as dificuldades e o mal-estar, pois em relação ao trabalho, o sofrimento é inerente ao seu cotidiano.

Tal conceito de saúde parece ter sido influenciado pelos estudos de Georges Canguilhem, que a compreende enquanto constituinte biológico, tal qual a doença. Nesse contexto, a saúde não é apenas a capacidade de enquadrar-se à regra, mas principalmente, ser normativo, criar, alterar normas, conforme as situações ou problematizações ocorrem. Ou seja, ter saúde é defrontar-se com males e buscar, por meio de toda a sua estrutura biopsicossocial, recuperar-se e seguir para novos enfrentamentos.

Já o estado patológico,

[...] não é consequência da ausência de qualquer norma. A doença ainda é uma norma de vida, mas é uma norma inferior, no sentido que não tolera nenhum desvio das condições em que é válida, por ser incapaz de se transformar em outra norma. O ser vivo doente está normalizado em condições bem definidas, e perdeu a capacidade normativa, a capacidade de instituir normas diferentes em condições diferentes (Canguilhem, 1990, p. 146).

Os estudos de Cristophe Dejours apontam que mesmo os trabalhadores submetidos às mais perversas conjunturas laborais, de modo até surpreendente, não padeciam de graves doenças mentais, ou seja, não adoeciam de fato, mas, sim, mantinham certa normalidade em meio àquele trabalho (Dejours & Abdoucheli, 1994).

Dejours (1992) observou, em seus estudos da época, que o trabalhador trava uma verdadeira luta contra o sofrimento, e não responde de modo passivo às agruras do trabalho, pois reage por meio de estratégias de mediação ou estratégias defensivas.

Os indivíduos, portanto, disponibilizam grande força contra as pressões do contexto do trabalho, desestabilizando-se, porém, conseguem manter uma paradoxal normalidade, um equilíbrio psíquico, que os permite continuar em seus ofícios, mesmo em condições adversas.

A Psicodinâmica do Trabalho foi definida por Dejours (2004) como a análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho. Nesse sentido, o trabalho passa a ser compreendido enquanto atividade de mediação entre o campo social, a subjetividade e atividade criativa, que se desdobra além das regras impostas pela organização do trabalho.

O foco passa a ser não somente o adoecimento, mas também o não adoecimento na atividade laboral. A partir daí, a Psicodinâmica do Trabalho analisa a

categoria saúde sob o olhar marcadamente antagônico do prazer e sofrimento, utilizando-se para tal de influências teóricas da Psicanálise freudiana.

Desse modo, a concepção dejouriana vem contrariar o conceito a-histórico de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS), cuja definição seria um completo estado de bem-estar biopsicossocial. Tal significado revela-se descontextualizado das relações políticas, econômicas e sociais, que repercutem nas relações de trabalho e nas conexões de saúde/doença.

Assim a saúde está longe de ser um estado calmo, harmônico, mas sim uma condição na qual convivem a luta e o enfrentamento com a esperança, os desejos, os sonhos, os planos e os objetivos, estando todo esse conjunto articulado no cotidiano do indivíduo.

### **3 AS VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO DOS PROFESSORES SUBSTITUTOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA**

A partir das discussões realizadas na seção anterior, pode-se afirmar que o trabalhador, em qualquer contexto, vive uma relação dinâmica com o seu trabalho, na ambivalência entre prazer e sofrimento, a partir da análise das relações de trabalho e suas contradições. Neste aspecto, a ambiguidade dos sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho é descrita nas falas dos seguintes professores substitutos entrevistados.

Quando eu ouço trabalho, dá cansaço, mas ao mesmo tempo, prazer.  
(Professor 2).

Eu trabalho, mas faço com prazer [referindo-se ao trabalho como algo árduo, penoso] (Professor 3).

Dejours (2004) discorre sobre uma importante contribuição para a dualidade prazer/sofrimento, que é a interface trabalho prescrito (aquele que possui descrição formal ou é registrado em contrato legal) e trabalho real (aquele que de fato acontece), enquanto uma esfera de sofrimento para o indivíduo, pois é impossível prever antecipadamente todas as especificidades e variabilidades do trabalho.

No caso da instituição pesquisada, em que não há uma legislação ou resolução específica sobre as atividades prescritas para o professor substituto, deduz-se que este profissional, vê-se ainda mais obrigado a acrescentar de si mesmo para gerar o real do seu trabalho. A ausência desse prescrito gera dúvidas nos gestores sobre outras

possibilidades de trabalho para os professores substitutos, além das atividades de sala de aula, como participação em grupos de pesquisa, extensão e orientação de alunos, entre outras situações.

O conflito entre o real e o prescrito no trabalho do professor substituto pode ter início ainda no seu processo de adaptação à instituição, tendo sido apontado por alguns entrevistados com aspecto de sofrimento, principalmente, por não se sentirem acolhidos e, ao mesmo tempo, “deslocados” dentro da instituição.

Quando você está entrando aqui, você não sabe direito onde é que são as coisas, onde, que e o quê que você tem que fazer [...] Você fica meio perdido. (Professor 4).

[...] a gente cai de paraquedas aqui né? Você chega aqui professor substituto ... “oi, tudo bem?” Você é apresentado rapidamente ali pros colegas e vai pra sala de aula. Numa universidade ... numa cidade universitária desse tamanho, né? (Professor 7).

É sabido que ao professor substituto é dada pouca autonomia, diante da organização do trabalho, o que pode ser entendido como um episódio frequente de sofrimento pelo mesmo, encontrando mais dificuldades para lidar com o real. Como diz esse docente: “[...] o substituto ele é muito limitado, né?” (Professor 6).

Embora o professor substituto possa participar de reuniões departamentais e tenha direito a explicar suas opiniões, com voto e representatividade, nem sempre é isso que ocorre: “Mas das reuniões que eu participei do semestre passado, praticamente todas, eu vejo que o professor substituto não tem voz. Ele não tem voz. Ele não tem voz.” (Professor 5).

Se na universidade pública, como um todo, há falta de salas e equipamentos, em alguns departamentos, o professor substituto ainda convive com situações de apropriação do patrimônio público que, provavelmente, acentuam o seu sofrimento, limitando ainda mais o seu espaço de trabalho, conforme bem explicitado pelo entrevistado a seguir: “O que acontece é que são os professores da casa [efetivos], que cada um já tem o seu laboratório e tomam como se deles fossem e ficam com ciúme dos equipamentos, do material e não dá abertura pra que a gente possa trabalhar” (Professor 9).

Frequentemente além de muitos departamentos disponibilizarem pouca autonomia e espaço de criação ao professor substituto, este profissional, ainda, muitas

vezes, esbarra nos preconceitos e nas humilhações, provenientes de alguns professores efetivos, como nota-se nos seguintes depoimentos.

Então, acho que assim, por eu ser substituta já enfrentei tipo assim humilhação mesmo. Do colega dizer pra mim que isso não era da minha conta porque afinal de contas eu era só substituta. (Professor 2).

[...] uma vez, um professor que falou que acreditava que professores que não tivessem doutorado não poderiam contribuir com a universidade. (Professor 3).

Alguns departamentos, por meio de gestão fiscalizadora, abrem espaço para o controle do trabalho do substituto, até que o mesmo prove sua capacidade de trabalho e responsabilidade.

Porque, o professor [...] Inclusive, no começo, no horário da aula da gente, ele subia pra ver se a gente no laboratório dando aula. Fiscalizava. Pedia pros técnicos também ficarem de olho na gente, se a gente faltava ... O primeiro semestre ficam desconfiando de vidraria que quebrou. Foi o substituto que não reparou o aluno. Sempre achando que é do substituto [culpa], que o substituto é descuidado, porque ta passando só uma temporada. E sempre fica quebrou uma coisa, o substituto tava? E aí depois dos primeiros 6 meses que a gente fica trabalhando direitinho, sem faltar, sem nada, aí é que eles tem mais confiança e deixam a gente trabalhar mesmo sossegado, normal. (Professor 9).

O conflito entre o prescrito e o real, traz à tona o que a teoria da Psicodinâmica do Trabalho denomina de estratégias defensivas ou estratégias de defesa, que funcionam como arranjos construídos pelos trabalhadores, de forma individual e coletiva, visando atenuar a percepção do sofrimento no trabalho (Moraes, 2013).

As estratégias defensivas utilizadas pelos professores substitutos entrevistados foram as defesas de proteção, adaptação e exploração. Abaixo há algumas falas dos professores substitutos expressando defesas de proteção, através do mecanismo de racionalização:

Mas eu não vejo como um peso. Vejo como uma oportunidade, cada disciplina que eu pego aqui, pra mim é uma oportunidade de estudar, de conhecer mais gente, de conhecer mais alunos (Professor 3).

Mas, você, você se acostuma, né, e é até mesmo bom, tu trabalhar assim sob pressão, porque aí tu vais te acostumando.” (Professor 7).

As defesas de adaptação, por sua vez, atuam sob o fundamento da negação do sofrimento do trabalhador, submetendo-o ao discurso da organização, subsumindo seu desejo ao desejo do capital, em prol do ideal de produtividade difundido. Os professores substitutos abaixo demonstram o mecanismo de adaptação, evitando entrar

em confronto com a organização do trabalho, naturalizando o conformismo diante das pressões.

É muito complicado, professor que tá chegando. Geralmente acaba ficando um pouquinho sobrecarregado, mas **sem arrumar confusão, sem nada.** (Professor 1, grifo nosso).

Ai eu fico tipo neutra, tipo assim, quando tem discussão, tentando ficar... porque **não vale apenas tu comprar briga, até porque eu sou substituta** (risos), e eu não sei se futuramente, eu entrando em atrito com um desses professores, se eles não podem tá na minha banca. E até que momento, **até que ponto um professor, ele é profissional, e ele se deixa levar por uma briga que ele [...]** Agora a gente tá reivindicando, a gente fala, quer dizer, não totalmente assim, bater de frente, né, mas com jeitinho, mostrando que não é assim. (Professor 8, grifo nosso).

Do mesmo modo funcionam as defesas de exploração, também sob o fundamento da negação, pela autoaceleração do ritmo de produção do trabalhador, ocorrendo ainda a introjeção de metas organizacionais, como se fossem objetivos pessoais do próprio trabalhador. Nesse sentido, quanto a assumir 3 empregos e sentir-se cansado, um professor substituto declara: “Mas assim, não boto culpa na UFMA, né? Foi uma coisa que eu decidi assumir, eu que topei ficar com os três né? Tô arcando com isso [...]” (Professor 6).

Ainda neste sentido, outro docente aponta: “Tanto é que falando de UFMA até, eu acabo assumindo mais coisa do que eu deveria. Toda semana, praticamente. Tem 3 semanas já, eu tenho dado aulas extras aos alunos, pra liga acadêmica, projeto de extensão.” (Professor 2).

Observa-se, assim, no trabalho dos professores substitutos entrevistados a captura de sua subjetividade, de maneira sutil, pela aceitação da sobrecarga de trabalho, a qual, não raro, inclui a naturalização da intensificação da jornada, como uma forma de mostrar certo tipo de excelência, pois se sentem sempre com suas capacidades em teste.

A gente sabe como é que funcionam as coisas [...] Se eu penso em algum momento ingressar numa instituição como professor, como efetivo do quadro, eu tenho que entender que, enquanto professor substituto, tô sendo avaliado constantemente (Professor 7).

Dado o medo atual do desemprego e a busca constante pela empregabilidade<sup>1</sup> pode-se inferir que tanto a organização do trabalho, quanto os

---

<sup>1</sup> O termo empregabilidade é bem discutido pela autora Marise Nogueira Ramos no livro *A Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação?* (2002) Ela argumenta que a ideologia neoliberal prega que o trabalhador é responsável por sua empregabilidade, ou seja, recai sobre este a sua capacidade de tornar-se e permanecer empregável, por meio de qualidades e competências valorizadas pelo mercado.



contextos do mercado educacional neoliberal são fatores influenciadores na dialética prazer e sofrimento no trabalho do professor substituto.

Embora as estratégias defensivas sirvam para eufemizar o sofrimento psíquico, Dejours e Abdoucheli (1994) alertam para o perigo do uso indiscriminado das mesmas, pois se inicialmente protegem o ego das ameaças, seu uso abusivo, gera alienação, assim como ineficácia da própria estratégia.

A alienação traz consigo a submissão consentida e o desenvolvimento da resiliência<sup>2</sup> enquanto competência para o trabalho, como nota-se na fala a seguir: “A gente sabe que tem o máximo pra acontecer e eu vou querer que esse período que eu esteja lá eu faça o melhor possível, que eu vença esses preconceitos de dentro dos professores” (Professor 2).

No caso dos professores substitutos entrevistados, além de suavizar o sofrimento, as estratégias defensivas podem gerar alienação, situação em que os esforços do indivíduo se concentram em defender a própria estratégia, relegando ao plano secundário a defesa do sofrimento propriamente dito. A seguir, o discurso de um professor demonstra que as estratégias defensivas utilizadas pelo mesmo encobrem o seu sofrimento, pelo fundamento da negação, gerando alienação, ao aceitar a exploração de seu trabalho, submetendo-se, assim, ao discurso da organização.

Mas assim o meu trabalho eu não tenho preguiça e eu sou muito responsável. Às vezes, eu me torno até um pouco chata com a minha responsabilidade. Então, eu sou muito responsável, eu venho nos dias que eu não tenho aula, mas eu tô aqui. Participo de qualquer coisa que me chamar, de comissão, de reunião, eu topo [...] (Professor 1).

No caso do professor substituto, o processo de elaboração das estratégias defensivas pode encontrar mais dificuldades de se estabelecer, pois estas se constituem pela convivência com os pares, ao longo do tempo, na organização do trabalho. Ocorre que o substituto permanece por no máximo 2 anos na instituição, e mesmo nela, nem sempre consegue manter contato suficiente com os colegas para elaboração de defesas coletivas, como pode-se notar na fala a seguir: “Os professores que eu conheci [...] então essa parte relacional acaba ficando quebrada assim. Então, a gente percebe que

---

<sup>2</sup> A resiliência é um conceito psicológico emprestado da física, definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas, termo bem esclarecido no livro *Resiliência: teoria e práticas de pesquisa em Psicologia* (2011), organizado por Araújo, C. A., Mello, M. A. & Rios, A. M.

entre eles professores efetivos têm uma história, eles já viram muitas coisas juntos e a gente assim passa e vai” (Professor 3).

Entende-se que para os professores substitutos entrevistados são mais comuns as defesas individuais, pois não ficam tempo suficiente na instituição para o contato com os colegas de trabalho e, conseqüentemente, elaboração das defesas coletivas.

Também se pode observar nos professores substitutos o que Dejours (2004) denomina de sofrimento patogênico, quando ocorre o esgotamento das defesas psíquicas e o uso de estratégias defensivas do trabalhador, permanecendo, assim, a sensação de fracasso, incompetência, impossibilidade de reverter os problemas, acompanhado de patologias psíquicas e somatizações, muitas vezes, fazendo uso indiscriminado de psicofármacos. Assim, dá-se lugar ao sofrimento patológico, quando o sujeito não consegue mobilizar-se frente às adversidades impostas pela organização do trabalho, quando ao trabalhador não é mais possível a negociação com a realidade imposta.

Assim, os professores substitutos entrevistados expressaram alguns exemplos de sofrimento patogênico:

Então, tá assim comendo uma [colherada], tô digitando, comendo uma [colherada], tô digitando. Pra não dizer que eu não almocei, porque se eu não fizer isso eu não almoço. E isso daí eu sei que é ruim. Por enquanto, eu tô levando porque eu tô nova, mas eu não quero levar muito pra frente não. (Professor 2).

Na minha saúde, tem interferido assim ... porque uma vez eu fui diagnosticada com estafa ... Mas eu acho que foi a questão da mudança da rotina, né? Passei mal, tive esse pico de pressão alta, aí eu fui na emergência, perguntou se eu tinha histórico na família ... aí eu não, tem. Mas aí ela perguntou qual era a minha rotina, eu ah, eu trabalho três turnos né? Aí ela [...] não sei o quê [...] Na semana ainda tava tendo um evento, né? Aí ela, ah, isso aqui provavelmente [...] indicou o cardiologista, que até hoje eu não fui ... Mas falou que provavelmente era um pico de pressão alta em função do estresse, da rotina, né? (Professor 6).

Eu sou hipertenso e com certeza, independentemente de [...] É lógico que não foi a UFMA que foi a causadora, porque eu já tenho isso há algum tempo, mas em algum momento isso influencia e eu tenho que tá controlando o tempo todo. (Professor 7).

Olha, no período passado eu tava muito estressada, estressada assim de chegar o fim de semana, tu chegava a segunda feira mais cansada, entendeu? De tanta coisa que tu tinha pra fazer. (Professor 8).

A intensificação do trabalho a que os professores substitutos estão submetidos também possui repercussões nas esferas social e familiar, acentuando o

sofrimento destes trabalhadores, pois em tempos neoliberais, o trabalho avança às várias dimensões da vida do indivíduo.

[...] eu tenho me sentido realmente cansada em relação a todas essas demandas [...] Já foi, inclusive, ... problema até com o meu relacionamento, né? O fato [...] Porque assim, você termina expediente dez horas da noite e o namorado quer sair... Cara, por favor, tô morta! (risos) Tô morta! Eu quero ir pra casa, dormir, amanhã a gente sai, sabe? E aí, até isso prejudicou. (Professor 6).

[...] às vezes, as pessoas cobram, às vezes tem uma reunião de amigos da igreja. Agora mesmo teve um encontro e eu não pude participar, mas eu não pude participar não que eu não quis, porque eu estava trabalhando. (Professor 8).

Um professor substituto relata como conseguiu minimizar sua estafa: “Aí esse período eu disse pra mim que eu não ia mais ficar desse jeito, porque não vale a pena. Aí comecei a me distrair mais nos finais de semana, a não pegar, muitas vezes, serviço pra casa” (Professor 8).

Na fala a seguir um professor substituto reflete sobre as consequências da intensificação do trabalho: “Porque quando você fica ali na pilha direto, você acaba comprometendo o seu trabalho, no sentido de você não dar uma boa aula, não dar... não passa o conteúdo a contento, legal [...]” (Professor 6).

Embora as vivências de sofrimento possivelmente sejam muito presentes no trabalho do professor substituto, estas dão-se em ambivalência com as vivências de prazer. Portanto, para a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento também pode conduzir às mobilizações de saúde, transformando-o em prazer.

Para Dejours (2004), o sofrimento pode ser transformado em prazer, pois sendo o sofrimento criativo, ligado ao exercício da inteligência astuciosa, inscreve a relação de trabalho como mediadora da realização de si mesmo, contribuindo para a sustentação da saúde do trabalhador.

Outro aspecto importante para tal sustentação é o reconhecimento, que segundo Lima (2013), é a forma de retribuição simbólica advinda da contribuição dada pelo trabalhador, por meio do engajamento de sua subjetividade e inteligência no trabalho. O reconhecimento se consolida de três modos: pelo julgamento de utilidade, dado na linha vertical, conferindo ao trabalhador sua afirmação na esfera do trabalho; por meio do julgamento de beleza, dado em linha horizontal, que possibilita o pertencimento a um grupo profissional; e através do julgamento de originalidade, que

reconhece a obra do trabalhador em seu valor mais singular e original em relação aos demais.

Alguns professores substitutos apresentaram falas destacando o reconhecimento de seu trabalho pelo julgamento de utilidade. Eis a sequência das falas:

Ao mesmo tempo também é bom quando você percebe que alguns trabalhos que você propõe, superam as suas próprias expectativas, como é o caso de alguns trabalhos que eu passei agora para os alunos numa cadeira que eu peguei pela primeira vez. Eles estão experimentando na escola [...] Aí no dia da culminância, eu fui pra ver, acompanhar. Aí os alunos ... lotado, a sala lotada, a outra turma querendo ver os vídeos. Aí eles convidaram a diretora da escola, o coordenador. E eu estava lá. Na hora que eu cheguei lá, eu fui para ver meus alunos, a execução do trabalho, como estava no meu planejamento. Mas eles já me transformaram em avaliador do trabalho pra julgar qual era o melhor vídeo, a melhor equipe recebeu um prêmio e a diretora ficou orgulhosa e os alunos também ficaram maravilhados. E aí, ou seja, esses são os momentos que a gente se sente mais satisfeito [...] (Professor 4).

Muitos deles sim falam, ah [...] a tua aula é legal, tal, tudo. (Professor 9)

Ainda no que se refere ao julgamento de utilidade, observa-se o reconhecimento do trabalho dos professores substitutos quando os mesmos são convocados pelos alunos a falar de temas diversos às suas disciplinas, significando para estes que são dignos de respeito e confiança.

Eles mandam mensagens todo dia. Professora, eu li num livro, tipo assim, coisa que não tem nada a ver comigo até. Professora, eu li num livro, um terno assim, assim e assado, não estou achando no google, o que é que isso? Pô, às vezes, eu tô mega cheia ocupada, cheia de coisas, mas não, eu paro e vou responder. Porque eu acho que isso aqui é o que volta, né. O salário não aumenta por isso. Então, o que aumenta é o pessoal, são os alunos, os comentários. Isso é o que vale a pena. (Professor 2).

[...] eles vêm me perguntar sobre assuntos que não são da minha área direto e eles sabem disso. Então eu vejo que eles vêm me procurar até assuntos “ah professor, concorda ou não”. Então eles vêm me procurar, porque eles acreditam em mim. (Professor 5).

No que se refere ao julgamento de originalidade, reconhecendo o valor do trabalho com seus aspectos pessoais, de singularidade, registrou-se tal depoimento:

Mês passado eu já fui até convidada pra ser nome de turma. A minha primeira turma. Então, eu fiquei extremamente emocionada. Muito feliz mesmo, porque é a sensação de dever cumprido. Estar fazendo bem feito o que eu escolhi pra fazer. Meus alunos disseram que foi unanimidade a escolha do seu nome pra nome de turma. Então, fico muito feliz [...] Então, assim, hoje eles falam professora a gente aprendeu tudo. A gente foi pro estágio, a gente viu que apesar da senhora ter feito tudo que fez. Graças a Deus! Porque a gente tem a base e a gente não passa dificuldade em lugar nenhum [...] (Professor 1).

Para Morrone e Mendes (2003, p. 99), o reconhecimento de beleza:

[...] relaciona-se com a conformidade do trabalho, da produção, da fabricação ou do serviço às artes do ofício, bem como à sua apreciação quanto a distinção, especificamente, originalidade ou estilo. Confere ao ego, em termos qualitativos, pertencimento ao coletivo de trabalho ou à comunidade de pertença e reconhecimento da sua singularidade. É geralmente realizado pelos pares.

Sobre o reconhecimento por meio do julgamento de beleza, nota-se, por meio dos professores substitutos entrevistados, que tal reconhecimento não costuma ser legitimado pelos pares, pois muitos professores efetivos desrespeitam os professores substitutos, desqualificando o seu trabalho como de menos valia, dificultando a identidade docente desses profissionais, conforme vai se abordar mais adiante.

Segundo Mancebo (2007), no caso dos docentes, é possível a visualização de espaços, nas instituições de ensino, de trocas afetivas, onde se pode notar compartilhamento de conhecimentos e produção de novos sentidos ao trabalho docente. Ou seja, o suscitar de momentos prazerosos para este profissional, que o fazem permanecer em seu trabalho, articulando-se dialeticamente com a tarefa, trazendo sensação de bem-estar.

Nesse sentido, destacam-se os depoimentos abaixo:

Prazer assim como te falei é ver o brilho do olhar dos alunos, quando eles estão aprendendo, quando eles veem uma coisa nova. Sair um pouco de sala de aula, acho que a maior recompensa é isso. O brilho no olhar deles, dos alunos, das pessoas que tão sendo ajudadas. Eu fui numa ação social logo que eu cheguei, eram pessoas bem carentes, do município de Chapadinha. Então, eles ficavam extremamente agradecidos, né e os alunos ficam também entusiasmados em poder ajudar, de tá no meio, de se sentirem úteis. Então, isso é muito legal, essa recompensa de quando eles vão pro estágio, de ver que eles aprenderam [...] (Professor 1).

A fala dos alunos, a receptividade de dizer assim ... você terminar a aula e o aluno vem assim, a fila de aluno pra vir te falar, pra falar contigo, pra te dizer uma dúvida, pra dizer um caso. Ou dizer, professora, gostei da sua aula. Valeu! Mesmo quando eu digo terminou, tão liberados. Eh, professora, valeu, viu, gostei! Essa fala de aluno, ela é maravilhosa. (Professor 2).

É quando os alunos participam, quando eles demonstram interesse. (Professor 3).

[...] de maneira geral é sempre bom quando o aluno participa. No meu caso que gosto de ter uma aula não somente expositiva, mas dialogada, colocar os problemas, ver o que que eles pensam e viajar por esse caminho. Então quando eles participam, se envolvem é positivo, é prazeroso. (Professor 4).

E aí quando eu vim pra UFMA é ... foi assim, um presente, porque a turma é super participativa e assim, óbvio que os momentos de maior alegria é quando a turma ... você vê que a turma se interessa por aquilo que você tá trabalhando naquele dia e que há essa participação, que você não vê nem o tempo passar ... Essa troca né? Que há essa troca certo? E aí quando você consegue ali naquele momento despertar o interesse do aluno e eles

participam e, assim, eu tenho tido muita sorte dos alunos estarem sempre interessados. (Professor 6).

É quando tu vê que teus alunos aprendem. (Professor 8).

[...] quando a gente vai pro laboratório e os alunos fazem o experimento e entendem. Eu saio daqui mesmo com a sensação de felicidade. E quando a gente faz um experimento que todo mundo entende. Aí eles ficam pedindo, ah vamos fazer tal coisa. Trazem material também de internet que eles viram. E quando os alunos ficam empolgados, querendo aprender, isso dá uma sensação muito boa de prazer, bem legal mesmo. A gente fica com vontade também de ir atrás de coisas novas e diferentes. Eu acho que é o que me deixa mesmo bem feliz é quando uma prática sai legal e que todo mundo aprendeu e achou interessante. Isso me dá uma sensação de prazer. (Professor 9).

14

O prazer também pode advir da superação de situações mais complexas em sala de aula, como no caso do professor substituto abaixo que possuía um aluno com deficiência:

[...] eu dediquei um tempo pra ele, e aí eu conversei com o intérprete e disse olha, você vai perguntando pra ele e ele vai me explicando o que ele ta dizendo pra ver se ele entendeu mesmo, e aí eu adaptei, eu realizei a mesma prova que eu fiz com os outros, mas pra ele eu adaptei, de uma forma diferente. E eu fiquei muito satisfeita, por que ele conseguiu absorver aquele conteúdo, pelo menos da primeira unidade. (Professor 8).

A percepção de sentir-se contribuindo para o desenvolvimento profissional dos alunos parece ser algo prazeroso para os docentes, sejam eles efetivos ou substitutos, fonte de constante envolvimento psíquico com o trabalho. Pois, o ser professor constitui-se enquanto “[...] uma forma particular de trabalho sobre o ser humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu ‘objeto’ de trabalho, que é justamente outro ser humano, no modo fundamental da relação humana” (Tardif & Lessard, 2005, p.8).

Nesse sentido, destaca-se a seguinte fala:

Olha, você sentir que você contribuiu pro desenvolvimento de um ser humano é um negócio fantástico, fantástico ... Me causa muita alegria quando eu vejo um olho brilhar na sala de aula depois de a gente explicar um conhecimento, ao final de uma aula a gente vê o resultado numa atividade, no final de uma disciplina ... Essas coisas me trazem muito prazer, sabe? (Professor 7).

Quando o envolvimento é constituído na relação professor-aluno, observa-se relações afetuosas, com o reconhecimento pelos alunos da importância do trabalho do professor substituto na sua formação, mesmo tendo uma passagem breve pela instituição, afetando, com certeza, tanto a identidade, quanto sua percepção de realização.

Isto demonstra o quanto o trabalho dos professores substitutos pode ser significativo para os alunos e para os próprios docentes, pois “[...] a retribuição simbólica conferida por reconhecimento pode ganhar sentido em relação às expectativas subjetivas e à realização de si mesmo” (Dejours, 2004, p. 73).

O reconhecimento traz a possibilidade de ampliação do sentido do trabalho do professor substituto, no que se refere às suas expectativas, desejos, uma vez que proporciona a ressignificação do seu sofrimento, por meio da mobilização subjetiva, dando lugar às vivências de prazer a este profissional, mantendo sua saúde.

No que se refere ao relacionamento com os professores efetivos, é comum os professores substitutos perceberem aspectos de discriminação, algumas veladas, outras nem tanto, revelando as diferenças entre os profissionais que possuem a estabilidade e os que não a possuem.

[...] **acaba que mesmo que não te tratem como uma pessoa diferente, você meio que sabe o seu lugar dentro da instituição.** Mesmo que ninguém te trate assim, você sabe que sendo substituto, você sabe que legalmente você teria os mesmos direitos de professor efetivo, mas você sabe que na prática você não tem. (Professor 3, grifo nosso).

No trabalho do professor substituto, marcado pelas vivências de prazer e sofrimento, nota-se o predomínio dos sentimentos de tristeza e sofrimento nas falas de alguns entrevistados que em breve deixarão o cargo, demonstrando as limitações desse tipo de vínculo.

Mas, assim, pra mim é uma experiência ótima, né. Só que assim, o que é triste [...] **Dá uma dorzinha no coração, dá uma vontade de voltar, porque assim é uma coisa que a gente gosta.** Aí, você tem vontade mesmo ... Acho que a questão do nosso sentimento, por mais que a gente entre com a consciência, a gente entra com a consciência de que só vai durar no máximo 2 anos e que você não vai ficar na instituição, dentro da gente, quando vai chegando no finalzinho, dá uma tristeza muito grande, principalmente quando você gosta. Você fica pensando, será que eu vou voltar? Será que quando eu voltar vão tá as mesmas pessoas? Porque daqui pra terminar o doutorado os meus alunos talvez estejam formados. (Professor 3, grifo nosso).

Eu acho que em termos de formação **é apenas aquela formação ocasional,** específica naquele semestre no período de aulas. Eu me atrevo assim a dizer que, em termos, assim da formação total, não vejo assim muito importante. Não deveria ser também. Por que? Porque eu acho que quando um aluno começa já a pensar como um profissional ele tenta se espelhar em professores que ele vê mais tempo, que interagem com ele mais tempo, que por lógica deveriam ser professores efetivos [...] Acredito que essa parte **não chega a ser um impacto tão forte, tão definitivo, na formação do aluno,** né. (Gestor 2, grifo nosso).

Ao vivenciar situações de sofrimento, por meio das exigências da organização do trabalho, os professores substitutos podem engajar-se, objetivando o prazer, expandindo a subjetividade, pois quando reinventam e recriam o seu trabalho, realizam, assim, o processo de mobilização subjetiva, em uma tentativa de manter a “normalidade”, buscando os processos de saúde.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O professores substitutos são trabalhadores envolvidos no processo capitalista, sob determinadas condições históricas objetivas e subjetivas, dentre elas: controles, submissão, sobrecarga de trabalho, sofrimentos, mas também prazeres, momentos de reconhecimento, sobretudo na relação com o alunado.

Os participantes deste estudo, visando permanecer em estado de normalidade, evitando, assim, o adoecimento, utilizam as estratégias de mediação individuais, conceito de Dejours, destacando-se as de proteção, com o uso de racionalizações, justificando modos de agir e pensar compensatórios. Também foi possível observar estratégias de adaptação, nas quais os professores substitutos negam o seu sofrimento e a intensificação do trabalho pelos quais passam. Movimentos de autoaceleração de ritmo de trabalho foram visualizados, em uma tentativa de demonstrar empenho à organização do trabalho, revelando a captura da subjetividade dos mesmos.

Provavelmente o uso em demasia das estratégias individuais de mediação ocorreu pelo fato de não passarem tempo suficiente na universidade, para ter maximizados os contatos com os colegas, elaborando, assim, estratégias coletivas de defesa.

Ao mesmo tempo em que tentam evitar o adoecimento, foi possível a visualização de exemplos de sofrimento patogênico nas falas dos professores substitutos, como estresse, cansaço permanente, estafa, falta de tempo para cuidar de si mesmos e até da família, pois, em muitas situações, a organização do trabalho não permitia negociações entre o trabalhador, a tarefa e o ritmo de trabalho.

No que se refere às vivências de prazer, estas mostram-se atreladas, em geral, ao relacionamento com os alunos e ao reconhecimento do seu trabalho por estes, através do julgamento da utilidade e originalidade, atribuindo valor ao trabalho, como algo digno de orgulho e respeito por outrem.



Assim, notou-se que o trabalho do professor substituto, mesmo enfrentando adversidades, pode ter sentidos de crescimento, utilidade e realização, pois a atividade laboral responde não somente pela satisfação de necessidades básicas, mas também possui caráter ontológico, referindo-se ao que há de mais singular no ser humano, capaz de definir sua existência.

Tendo em vista a realidade enfrentada pelos professores substitutos da instituição pesquisada, conclui-se, pensando em uma educação superior pública crítica e humanizadora, que resgate a esfera pública de modo central e estratégico da universidade e a defesa do trabalhador, cujas bases devem se respaldar na dignidade, no respeito e no reconhecimento.

17

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A., MELLO, M. A. & RIOS, A. M. (Orgs.). (2011). *Resiliência: teoria e práticas de pesquisa em Psicologia*. São Paulo, SP: Ithaca Books.
- CANGUILHEM, G. (1990). *O normal e o patológico*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- DEJOURS, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez.
- DEJOURS, C. (2004). Addendum. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S. & SZNELWAR, L.I (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília, DF: Fiocruz, p. 47-104.
- DEJOURS, C. & ABDOUCHELI, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. & BETIOL, M. I. (Orgs.). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, SP: Atlas, p. 119-145.
- HAMRAOURI, E. (2013). Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais. In: MERLO, A.; MENDES, A. M & MORAES, R (Orgs.). *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia*. Curitiba, PR: Juruá, p. 55-72.
- KOELHER, S. E. (2006) *A trajetória institucional/docente do professor substituto da UFSM*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade de Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS.

- LIMA, S. C. C. (2013). Reconhecimento no trabalho. In: VIEIRA, F. O, MENDES, A. M. & MERLO, A. (Orgs.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba, PR: Juruá, p. 351-356.
- MANCEBO, D. (2007). Trabalho docente, sobreimplicação e prazer. *Psicologia: Reflexão Crítica.*, 20(1), 74-80.
- MARX, K. (1989). *O Capital: o processo de produção do capital*. Livro Primeiro. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand.
- MORAES, R. D. (2013). Estratégias Defensivas. In: VIEIRA, F. O, MENDES, A. M. & MERLO, A. (Orgs.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. Curitiba, PR: Juruá, p. 153-158.
- MORRONE, C. F.& MENDES, A. M. (2003). A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal. *Revista Psicologia: Organização e Trabalho*, 3(2), p. 91-118, julho/dezembro.
- PINTO, M. J. B. (2010) Professor substituto. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (Orgs.). *Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente*. Recuperado de <http://www.gestrado.net.br/pdf/422.pdf>.
- RAMOS, M. (2002). *A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?* 2. ed. São Paulo, RJ: Cortez.
- TARDIF, M.: LESSARD, C. (2005). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.